

Amin causa estrago na base do Planalto

Brasília — Jamil Bittar

**Christiane Samarco
e Cida Fontes**

Menos de 24 horas depois de instalada, a CPI do caso PC já provocou estragos na base parlamentar do governo no Congresso. "A situação do governo no Senado nunca esteve tão ruim como agora", avaliou ontem o vice-líder governista, senador Élcio Alvares (PFL-ES). Outro líder governista admitiu que o episódio da indicação do senador oposicionista José Paulo Bisol (PSB-RS) para a vaga do PDS, desequilibrando a correlação de forças dentro da CPI, atingiu em cheio o prestígio do ministro-chefe da Secretaria de Governo, Jorge Bornhausen. Afinal, o pivô da crise, o líder do PDS no Senado, Esperidião Amin, é um antigo adversário político do ministro em Santa Catarina que, descontente com o governo, confessa ter dado o troco. "Minha relação com Jorge sempre foi de muito mais tapas do que beijos", ironizou Amin.

Apesar de Bornhausen ter detectado vários sinais de que Amin poderia causar problemas, um deputado disse que o ministro foi surpreendido. "Ele está tremenda-mente irritado porque a estocada foi forte demais", contou, afastando, porém, qualquer possibilidade de Bornhausen deixar a coordenação política do governo. Segundo o parlamentar, ele vai empenhar-se para vencer a rebelião na base do Planalto no Senado, que não se resume apenas ao PDS. Os problemas também são graves no PDC.

Isso explica o recurso que o líder do



Amin tem rixa com Bornhausen

PDC, Amazonino Mendes (AM), apresentou no final da tarde de ontem, contra a indicação de Bisol. Em conversas com parlamentares de seu partido, Amazonino explicou que está excluída a possibilidade de o PDC participar da CPI porque o recurso só foi apresentado depois de consumada a indicação de Bisol, e não no momento em que a Mesa Diretora do Senado anunciou em plenário a lista de membros da CPI. "É que se a vaga voltasse ao PDC, acabaria sendo indicado o senador Epitácio Cafeteira (MA), que vive às turmas com o governo, e não Amazonino", explica um senador.

Além de Cafeteira, compõem a bancada do PDC no Senado Moisés Abrão (TO), que ajudou a derrotar o governo na votação do salário mínimo, e Gérson Camata (ES). Para participar da CPI, Amazonino não tem mais apoio de Camata, que lhe dera sustentação na semana passada. Também este senador voltou-se contra o governo, irritado com a recente nomeação de um desafeto, Paulo Cavalcanti, para a Divisão de Transportes Terrestres do Ministério dos Transportes e Comunicação.

O recurso foi apenas um artifício para abrir perspectivas ao governo de comandar uma manobra que recomponha o equilíbrio entre oposição e governo na CPI. "Estão todos desesperados porque sabemos que a isenção não existe. A CPI é um vulcão em erupção, à mercê de uma guerra entre a turma que quer abafar tudo e a que quer ver o circo pegar fogo", define um líder governista, lembrando que as oposições comandam hoje 12 dos 22 votos. Esse líder acredita que a atitude de Amin acirrou os ânimos, jogando parlamentares do PMDB e PSDB, que teriam uma atuação mais ponderada, para uma posição mais radical.

Como o senador Lucídio Portella (PDS-PI) admite participar da CPI, e o senador João França também está inclinado a apoiar o governo, a possibilidade de recuo de Esperidião Amin dependerá do comportamento do quarto e último senador da bancada pedessista, o ex-ministro da Justiça, Jarbas Passarinho.